Universidade do Contestado | www.unc.br/periodicos ISSNe: 2358-6125
Profanações revista
UnC

A RELAÇÃO E O PARADOXO NO CONSERVADORISMO MODERNO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KIRK E SCRUTON

THE RELATIONSHIP AND THE PARADOX IN MODERN CONSERVATISM: THEORETICAL CONTRIBUTIONS OF KIRK AND SCRUTON

Kelvi da Silva Oliveira[1]

RESUMO

Este artigo examina as incertezas ainda persistentes no debate acerca da gênese da conjuntura sociopolítica contemporânea, propondo que a compreensão do conservadorismo demanda uma abordagem de natureza paradoxal-relacional. Parte-se da premissa de que o conservadorismo, enquanto fenômeno político e cultural, não pode ser apreendido por meio de categorias estanques ou por definições conceituais rigidamente delimitadas. O enfrentamento das ambiguidades teóricas que permeiam esse campo de pensamento é impulsionado pela articulação de múltiplos processos socioculturais, históricos e discursivos, que, ao interagirem de maneira complexa, evidenciam a fluidez constitutiva do próprio objeto de análise. Neste sentido, o conservadorismo é abordado não como um sistema de ideias coeso e unívoco, mas como um campo de forças heterogêneo, atravessado por contradições, deslocamentos e tensões internas. A hipótese central sustenta a inviabilidade de uma definição conceitual monolítica, o que implica reconhecer que o sujeito que se identifica como conservador é constantemente interpelado pelos próprios elementos que estruturam e, simultaneamente, desestabilizam sua identidade. Para investigar essa questão, adotou-se a metodologia do estudo de caso único, com foco nas contribuições de Russell Kirk (2013, 2021) e Roger Scruton (2014, 2019), autores centrais na formulação do pensamento conservador contemporâneo. Argumenta-se que, no interior da lógica conservadora, o sujeito não se configura como mero refém das contradições conceituais que o atravessam, uma vez que sua autoimagem e sua prática discursiva não necessariamente correspondem à totalidade representacional de seu posicionamento ideológico. Ao contrário, a compreensão do conservadorismo requer o reconhecimento de sua natureza performativa e relacional, situada em um campo de

[1] Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: kelvi.svaoliveira@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0001-6937-4604.

disputas simbólicas e políticas que desafia qualquer tentativa de fixação conceitual definitiva.

Palavras-chave: conservadorismo; paradoxal-relacional; emergência; tensões conceituais.

ABSTRACT

This article examines the persistent uncertainties surrounding the debate on the genesis of the contemporary sociopolitical conjuncture, proposing that understanding conservatism requires a paradoxical-relational approach. It begins from the premise that conservatism, as a political and cultural phenomenon, cannot be grasped through rigidly defined categories or fixed conceptual frameworks. Confronting the theoretical ambiguities that permeate this field of thought is driven by the articulation of multiple sociocultural, historical, and discursive processes which, through their complex interactions, reveal the constitutive fluidity of the very object of analysis. In this sense, conservatism is approached not as a cohesive and univocal system of ideas, but as a heterogeneous field of forces marked by internal contradictions, displacements, and tensions. The central hypothesis supports the impossibility of a monolithic conceptual definition, which implies recognizing that the subject who identifies as conservative is constantly interpellated by the very elements that both structure and destabilize their identity. To investigate this issue, a single case study methodology was adopted, focusing on the contributions of Russell Kirk (2014; 2021) and Roger Scruton (2014; 2019), key figures in the formulation of contemporary conservative thought. It is argued that, within the logic of conservatism, the subject is not merely a hostage to the conceptual contradictions that traverse them, as their self-image and discursive practices do not necessarily correspond to the full representational totality of their ideological positioning. On the contrary, understanding conservatism requires recognizing its performative and relational nature, situated within a field of symbolic and political disputes that resists any attempt at definitive conceptual fixation.

Keywords: conservatism; paradoxical-relational; emergence; conceptual tensions.

Artigo recebido em: 19/06/2025
Artigo aprovado em: 15/07/2025
Artigo publicado em: 08/08/2025
Doi: https://doi.org/10.24302/prof.v12.5993

CONSERVADORISMO(S): EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

Uma onda de forças ideológicas em defesa da tradição, da ordem, da moralidade e da preservação de valores se alastra pelo globo atualmente. Suas múltiplas expressões, a partir da naturalização do domínio social, evidenciam o fenômeno do conservadorismo. Esse pensamento dialoga com a busca pela modernidade, ao garantir condições que preservam a dignidade e sustentam a conservação sob o prisma da prudência e da virtude.

O conservadorismo possui uma trajetória histórica e cultural marcada por convicções próprias. Ao fortalecer seu conteúdo conceitual, intrínseco a determinados aspectos e características, revela-se um sistema paradoxal, na medida em que se torna inviável alcançar uma definição conceitual precisa. Trata-se de uma proposta influente e de alcance universal, que se apresenta como um bastião na resolução de problemas contemporâneos, preservando a dignidade ainda valorizada, sobretudo em contraposição às perspectivas progressistas.

O enfrentamento dos desafios conceituais do conservadorismo, motivado pela articulação de diversos fenômenos sociais, requer a análise de debates e argumentações a seu respeito. O objetivo é garantir liberdade interpretativa, ao delinear questões que justificam seu reconhecimento em diferentes áreas do conhecimento. Diante da crescente pluralidade conceitual, o conservadorismo tem sido compreendido como um sistema heterogêneo, no qual um conjunto relativamente amplo de discursos contribui para a formulação de uma definição parcial, cujos sentidos estão ligados à legitimação da dinâmica social.

Apesar dos múltiplos fatores que contribuem para a emergência do conservadorismo, e do reconhecimento de que suas formulações conceituais não configuram um fenômeno recente, os elementos que motivam sua adoção e sua aderência social permanecem amplamente debatidos, sobretudo quando se busca compreender essa corrente como uma forma de poder e de organização simbólica da

sociedade. Diante disso, este artigo não se propõe a oferecer uma caracterização definitiva ou exaustiva do pensamento conservador. Ao contrário, parte-se do objetivo de ampliar os horizontes interpretativos, promovendo o surgimento de novas abordagens definidoras sob a ótica da não hegemonia conceitual.

A hipótese central sustenta que o conservadorismo, longe de constituir um sistema teórico estável e unitário, se inscreve em uma lógica paradoxal-relacional, marcada por contradições internas, deslocamentos semânticos e múltiplas formas de apropriação social. A partir disso, a questão que orienta este estudo é: de que maneira é possível compreender o conservadorismo não como um conjunto fixo de ideias, mas como um campo discursivo heterogêneo, tensionado por disputas conceituais e marcado por sua performatividade relacional?

Para investigar essa questão, adotou-se a metodologia do estudo de caso único, com foco nas contribuições de Russell Kirk (2014, 2021) e Roger Scruton (2019), autores centrais na formulação do pensamento conservador contemporâneo.

SERIA O CONSERVADORISMO UMA PROPOSTA PARADOXAL-RELACIONAL?

Embora seja possível reconhecer o conservadorismo como uma tradição de pensamento, é importante destacar a ausência de definições absolutamente concretas que o descrevam de forma única e linear. As múltiplas formas de adesão e as atitudes individuais qualificam o conservadorismo como um fenômeno heterogêneo, cuja definição permanece imprecisa, sujeita a distintas interpretações e percepções no âmbito social.

Tendo como base a relatividade dos termos, a exequibilidade do paradoxo social e a crescente polarização de ideias e posicionamentos, torna-se possível questionar a fidedignidade da formação conceitual, reconhecendo seu caráter contingente e não definitivo. Ao considerar que as questões sociais tendem a ser

problematizadas de maneira paradoxal, compreende-se que as diferentes esferas do social operam dentro dos parâmetros da relatividade interpretativa. Nesse contexto, a articulação interdisciplinar se apresenta como fundamental para sustentar a hipótese desenvolvida ao longo deste artigo.

Nos diversos âmbitos do espectro sociocultural, observa-se que o conservadorismo tem sido amplamente submetido a processos de relativização interpretativa. Temas como religião, política, tradição, conduta, moral e os chamados "bons costumes" consolidam-se enquanto elementos normativos, cuja função é sustentar padrões sociais historicamente legitimados. No contexto da modernidade, e especialmente sob os efeitos de sua aceleração tardia, esses referenciais tornam-se cada vez mais instáveis, dando lugar a uma liquefação de valores outrora considerados inquestionáveis. Tais dinâmicas estão sistematicamente inscritas no que se pode denominar paradoxo social, no qual a contestação, o questionamento e a legitimação do contraditório tornam-se práticas recorrentes, intensificadas pela ambiguidade semântica dos próprios conceitos em disputa.

A relatividade temporal associada ao conservadorismo evidencia que a busca por uma definição conceitualmente estável dessa corrente de pensamento enfrenta obstáculos de ordem histórica e cultural. Tal dificuldade decorre do fato de o conservadorismo não constituir um corpo teórico sistemático ou plenamente delimitado, o que leva muitos teóricos a abordá-lo a partir de convicções subjetivas e, frequentemente, por meio de uma leitura cética ancorada em interpretações históricas. Sua existência, portanto, pode ser compreendida sob múltiplas perspectivas e posicionamentos individuais, o que contribui para a sua funcionalidade como instrumento de reprodução e legitimação de determinadas estruturas de poder.

Parte desse relativismo pode ser compreendida a partir das perspectivas de dois importantes intelectuais conservadores que, embora tenham contribuído significativamente para o campo, divergem quanto à definição do próprio conservadorismo: Roger Scruton (2014; 2019) e Russell Kirk (2013; 2021). Chama a

atenção o fato de ambos terem desenvolvido suas reflexões a partir da obra de Edmund Burke (1865), amplamente reconhecido como o pai do conservadorismo moderno, e, ainda assim, não terem alcançado uma convergência conceitual. Embora compartilhem uma referência fundadora comum, cada autor elabora suas concepções com base em convicções e orientações próprias, o que evidencia a persistente ausência de uma definição precisa, mesmo no interior de uma matriz analítica semelhante.

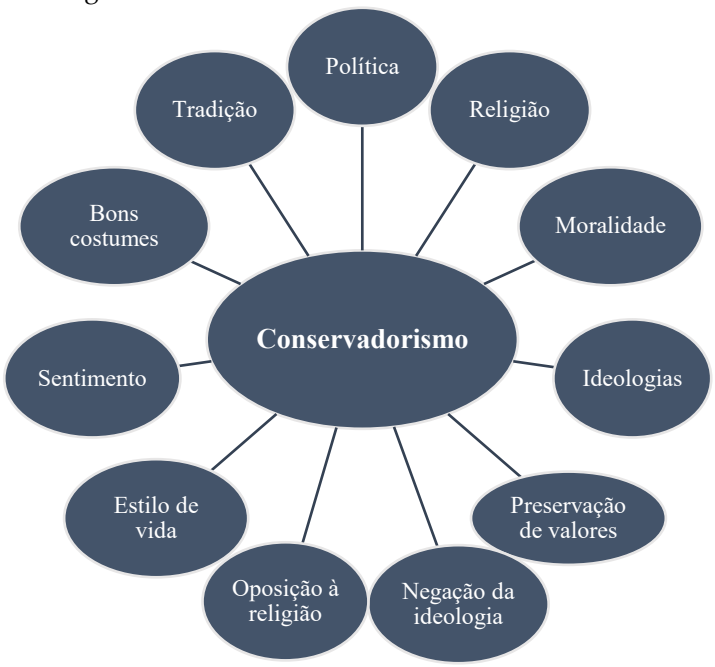
Segundo Scruton (2019), o conservadorismo configura-se como um elemento relevante na dinâmica das questões sociais contemporâneas. A compreensão dessa perspectiva enfatiza a valorização da tradição como fundamento orientador diante de situações concretas vinculadas à política, à religião, às ideologias e às condutas de caráter moral. Essas características sustentam a ideia de que as virtudes conservadoras estão intrinsecamente associadas a valores perenes e à prudência como princípio ético e político. A essa interpretação, soma-se a concepção de que as relações sociais são estruturadas por uma lógica normativa que confere coesão ao modelo societal, permitindo que o conservadorismo seja definido a partir de suas premissas fundamentais.

Para Kirk (2013), compreender o conservadorismo implica reconhecer o ceticismo como um traço central dessa orientação, entendido como forma de resistência a certas pretensões universalistas presentes na sociedade, como a religião institucionalizada e as ideologias sistematizadas, elementos que, segundo o autor, não integram a estrutura conceitual do pensamento conservador. Ser conservador, afirma ele, "é um estado de espírito, um tipo de caráter, um modo de ver a ordem civil e social. A posição conservadora se sustenta em um conjunto de sentimentos, e não em um sistema de dogmas ideológicos" (Kirk, 2013, p. 102). A adoção desse ethos se fundamenta em uma concepção de razão orientada à preservação da consciência histórica. O conservadorismo, em Kirk, recorre à consciência como instrumento de continuidade civilizacional, alicerçado na sabedoria acumulada e na defesa de uma ordem social estável.

Diante das múltiplas vicissitudes sociais que se prestam a uma análise sob uma perspectiva paradoxal e relativa, cabe questionar por que o conservadorismo deveria ser uma exceção a essa abordagem. Essa reflexão se mostra essencial, pois, embora certas questões socioculturais não sejam, em sua essência, completamente relativas, é inegável que, no âmbito da experiência e da interpretação, elas acabam por ser inevitavelmente relativizadas.

Partindo da premissa de que o conservadorismo pode ser compreendido a partir de um pensamento paradoxal, sua materialidade conceitual se estabelece sob uma condição interpretativa, contrapondo-se a uma linearidade rígida. Ao incorporar a essa discussão uma nova abordagem, aqui denominada sentido relacional, percebe-se que a centralidade do pensamento conservador sincroniza-se com os fenômenos socioculturais em constante debate na sociedade, os quais contribuem para definir, ainda que de forma imprecisa, o próprio conservadorismo. Na figura 1 a seguir, são apresentadas as distintas abordagens conceituais acerca do pensamento conservador, considerando exemplos de termos que, segundo os pensadores abordados nesta pesquisa, representam a diversidade e a complexidade da fidedignidade conceitual do conservadorismo.

Figura 1 – Principais abordagens conceituais do conservadorismo



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Como ilustrado na Figura 1, o conservadorismo configura-se como uma proposta paradoxal de caráter relacional. Essa dimensão relacional destaca-se especialmente diante da imprecisão conceitual que permeia o tema. Ao analisar as distintas abordagens e representações do conservadorismo, evidencia-se que a compreensão mais adequada reside justamente no afastamento das amarras conceituais que o reduzem a representações fixas e limitadoras.

Compreende-se que o sujeito conservador não precisa, necessariamente, estar vinculado à religião ou a um alinhamento político-ideológico específico, o que não o torna menos conservador. O mesmo vale para aqueles que não consideram o conservadorismo como um sentimento ou um estilo de vida. Nessas circunstâncias, os conceitos teóricos que buscam defini-lo nem sempre servem como referência universal. Um determinado termo pode representar um sujeito conservador, mas isso não implica que seja aplicável a todos os demais. A liberdade de escolher os fundamentos que melhor representam sua postura conservadora permite ao indivíduo identificar-se com nenhum, um ou vários desses elementos.

A emergência do conservadorismo não depende da criação de fundamentos conceituais que o definam plenamente. Constituindo-se como um formato relacional, no qual diversos preceitos podem servir como alternativas para enquadrar esse pensamento, os sujeitos podem concordar com algumas abordagens, mas, caso não se sintam representados, não estão obrigados a uma associação total. O conservadorismo não se reduz a termos fixos, mas se manifesta na garantia das práticas de reconhecimento, promovendo o equilíbrio da influência social.

VISÕES CONSERVADORAS: O QUE ESTÁ EM JOGO?

Na dinâmica do pensamento conservador, a articulação entre diferentes visões fortalece os argumentos e contribui para a construção de um entendimento que se pretende crível, a partir das confluências sociais. A pretensão conceitual do conservadorismo está associada à formulação e à defesa de hipóteses que sejam consistentes com seu modo particular de compreender o mundo e as interações sociais. Nesse sentido, torna-se inexequível uma definição precisa que abarque toda a variabilidade conceitual desse campo de pensamento. No Quadro 1 a seguir, são apresentados alguns dos pensadores mais influentes no estudo do conservadorismo, juntamente com suas respectivas fundamentações, ideias e concepções teóricas, destacando ainda as variáveis que permeiam suas abordagens.

Quadro 1 - Percepções conceituais

Pensadores	Hipótese	Conceito	Nacionalidade
Edmund Burke (1729-1797)	A sociedade deve evoluir de forma gradual, respeitando a experiência histórica, os costumes, as instituições e as tradições consolidadas.	A razão humana é limitada, e por isso não se deve confiar em projetos utópicos ou sistemas idealizados que pretendam redesenhar toda a sociedade de uma vez.	Irlanda
Russel Kirk (1918-1994)	A ordem social depende da continuidade cultural, da	Uma postura filosófica e moral fundamentada na	Estados Unidos

Pensadores	Hipótese	Conceito	Nacionalidade
	autoridade moral e da herança histórica.	crença de que a ordem social deve estar ancorada em uma ordem moral transcendente, pré-existente ao Estado e à vontade individual.	
Roger Scruton (1944-2020)	A civilização é uma construção frágil, sustentada por tradições, instituições e vínculos morais que dão sentido à existência coletiva.	Esforço consciente de preservar o que é valioso: instituições, tradições, moralidade comum e o sentimento de pertencimento que sustenta a sociedade.	Reino Unido

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Os conceitos formulados por importantes pensadores do conservadorismo contribuem para compreender essa corrente como uma força plural, influenciada por distintos anseios sociais. A ênfase na moral tradicional, considerada elemento essencial para a compreensão dessa visão, está associada à valorização da prudência e das virtudes. Os costumes fortalecem a normatividade social e desempenham papel fundamental na manutenção da ordem, sustentada por um ideal moral específico. Os padrões socialmente estabelecidos tornam-se instrumentos centrais para a legitimidade e a perpetuação do pensamento conservador.

A postura moralizante, destacada por diversos pensadores como um dos principais pilares do pensamento conservador, também se apoia em valores e sentimentos que refletem a fragilidade da condição humana. Nesse contexto, o ceticismo exerce um papel relevante, ao contribuir com fundamentos sólidos que ajudam a delinear mais claramente essa tradição. Ao reconhecer a complexidade dos conceitos envolvidos, os esforços de preservação são percebidos como expressão de pertencimento coletivo, indo além da vontade individual. Instituições, prudência, consciência, moralidade, sabedoria e tradição são temas centrais nessa constante tentativa de definição, conforme evidenciam os escritos dos autores apresentados no Quadro 1.

O aparente paradoxo conceitual em torno do conservadorismo, longe de representar uma verdade absoluta, revela sua emergência atrelada a interesses de escala nacional. Esse pensamento, muitas vezes negligenciado ou tratado com desinteresse, ressurge como uma forma de reafirmação identitária, contando com uma base fiel de adeptos. Nesse processo, o intelectualismo, embora muitas vezes banalizado no contexto da experiência humana, tem papel relevante quando articulado por meio da produção acadêmica. Ao buscar esclarecer dúvidas e sistematizar conceitos, o campo intelectual contribui para o fortalecimento teórico do conservadorismo e, assim, amplia o espectro da diversidade de pensamento.

A identidade nacional do pensamento conservador busca sustentar questões essenciais à legitimação de ações orientadas por fundamentos morais e sociais. Grupos conservadores demonstram grande preocupação nesse sentido, como evidencia o trecho a seguir, no qual Kirk (2014) apresenta os cânones do conservadorismo a partir dos princípios do tradicionalismo, do organicismo e do ceticismo. Para ele,

> O intento do conservadorismo é preservar a ordem, a liberdade e a justiça, ao defender os usos consagrados, os costumes morais e as continuidades históricas, sendo, também, uma reação contra as diferentes concepções e práticas ideológicas que cobiçam modificar artificialmente os arranjos tradicionais vigentes. Na cruzada para manter o vínculo efetivo do presente com o passado e com o futuro, sem rupturas bruscas, o verdadeiro conservador almeja não somente conservar, mas, igualmente, restaurar, reformar e renovar, desde que as inovações adotadas ou o retorno de antigos hábitos sejam guiados pela prudência, estejam de acordo com a tradição e ocorram de modo orgânico (Kirk, 2014, p. 183).

É fundamental observar que as práticas ideológicas atuam na legitimação de valores como a prudência, a temperança, o compromisso, as tradições da civilidade e a preservação do patrimônio cultural. A discussão sobre as visões conservadoras revela disputas simbólicas em torno do papel da autoridade individual, das forças sociais e da representação no sistema de poder. A institucionalização da moralidade,

influenciada pela consciência e pela sabedoria, contribui para uma postura sensata diante da valorização da ordem e da reflexão sobre os fundamentos que sustentam a continuidade da civilização.

A percepção de um conservadorismo cuja essência está associada a preceitos contemporâneos, como ordem social, política, religião, consciência, individualidade, família e governo justo, contribui para o entendimento de que esse pensamento pode influenciar diretamente no desenvolvimento da personalidade humana. Ao se pautar por parâmetros normativos, o conservador manifesta um senso moral fortemente enraizado, influenciado pelas exigências da modernidade. Essa concepção reflete o avanço do pensamento conservador frente à necessidade, muitas vezes alegada, de conservar valores e instituições, rejeitando projetos utópicos e visões radicais em favor da continuidade das tradições.

Para Duarte (2023), o conservadorismo configura-se como uma estrutura mental objetiva, fundamentada em cânones doutrinários que orientam a forma como o indivíduo interpreta a realidade social. O autor argumenta que as instituições exercem forte influência na dinâmica de legitimidade, uma vez que representam, de forma gradual, os fenômenos e processos sociais em curso. Alinhado a essa perspectiva, Duarte distingue duas vertentes do conservadorismo: uma de caráter metafísico, voltada à defesa de princípios transcendentes e atemporais; e outra de natureza empírica, fundamentada na observação prática da experiência histórica e social.

No processo de construção conceitual do pensamento conservador, surgem diversas dinâmicas que visam defini-lo. Mota e Rodrigues (2020), por exemplo, afirmam que esse pensamento está relacionado à atribuição moralizadora das questões sociais, entendendo que,

> Elucidar a funcionalidade desse conservadorismo na dinâmica do capitalismo contemporâneo requer analisar os fios que ligam seus elementos internos estruturantes (seus componentes ideológicos centrais) aos antagonismos das

> classes fundamentais, em disputa num cenário de aprofundamento da crise estrutural do capital, mediado, ainda, pelas injunções econômicas e políticas particulares de cada formação social. Note-se que o neoconservadorismo não se apresenta como um sistema coerente de ideias, mas como um compósito ideológico constituído por doutrinas muito diversas e, até mesmo, colidentes entre si, tais como o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e um anticomunismo reciclado. [...] O conservadorismo termina por ganhar fôlego e expressão entre as classes dominadas e no senso comum, pois concentra esforços no sentido de dar vazão ao ressentimento generalizado entre as frações menores da pequena burguesia, dos trabalhadores e do lumpemproletariado, por meio da indicação abstrata de razões para a crise e as dificuldades práticas do cotidiano (Mota; Rodrigues, 2020, p. 203-204).

É certo que a concepção do conservadorismo se depara com uma variabilidade, o que torna difícil sua definição precisa. Ao refletir sobre a dinâmica desse pensamento, observa-se que os pensadores do Quadro 1, apesar de seus antagonismos teóricos, compartilham a crença de que o conservadorismo representa uma linha de pensamento cujo alinhamento visa ao que é melhor para a sociedade. Isso se reflete tanto em termos de moralidade e costumes, quanto em relação à tradição e à funcionalidade da ordem social. Em ambos os casos, destaca-se um fator importante: o ceticismo, que reconhece a complexidade da vida, a importância das tradições e a fragilidade da condição humana.

A emergência do conservadorismo assume diversas facetas e interpretações conceituais, o que amplia o reconhecimento de suas perspectivas sociais. O discurso moralizante de viés tradicional defendido por Scruton (2014) e parcialmente corroborado por Kirk (2019) encontra fundamento nos valores e na organização da sociedade, especialmente ao considerar as perspectivas político-religiosas e sua interseção no campo das ideologias. O pensamento conservador é constituído por disposições vistas como naturais, que se mobilizam em torno de sentimentos de perda e medo (Duarte, 2023).

Respondendo à provocação central desta seção, sobre o que está, de fato, em jogo ao se pensar o conservadorismo, pode-se afirmar que está em questão a própria redução da complexidade conceitual desse campo de pensamento. Ao se buscar uma

definição universal para o conservadorismo, torna-se evidente a ausência de uma unificação entre os sujeitos que se autodeclaram conservadores. Essa constatação sustenta a hipótese de que o conservadorismo, longe de ser um sistema conceitualmente estável e fixo, insere-se em uma lógica paradoxal-relacional. Nesse horizonte, cabe ao próprio sujeito conservador a responsabilidade pela mediação e construção contínua do domínio conceitual que o constitui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conservadorismo exerce um papel fundamental na organização social, sobretudo por estar ancorado em convicções históricas e culturais que sustentam sua presença em diferentes contextos. O enfrentamento dos desafios conceituais que envolvem esse campo de pensamento, marcado por sua complexidade e heterogeneidade, impulsionado pela articulação de múltiplos fenômenos sociais, permite sua compreensão a partir de uma lógica paradoxal. A materialidade de sua definição se constitui como uma construção interpretativa, afastando-se de modelos conceituais lineares e unívocos.

Considerando a complexidade que envolve a tentativa de definição do pensamento conservador, propõe-se aqui uma abordagem de caráter relacional, na qual as vertentes representativas desse pensamento são condicionadas às determinações individuais. As questões sociais, em sua pluralidade, tendem a ser problematizadas de forma paradoxal, sendo que as diferentes esferas da vida social operam sob parâmetros marcados pela relatividade. Tal configuração se justifica pelo fato de que o conservadorismo não constitui um sistema conceitual preciso, o que leva os teóricos a abordá-lo com base em convicções pessoais e, sobretudo, a partir de um ceticismo de viés histórico. A existência do conservadorismo, portanto, pode ser compreendida por meio de distintos pontos de vista e crenças individuais, o que contribui para a naturalização de estruturas de poder no interior da sociedade.

Outro aspecto relevante é o antagonismo existente entre os pensadores que, de forma influente, se posicionam como referências no campo do conservadorismo. Nesse contexto, observa-se uma variabilidade conceitual, que oferece aos indivíduos na sociedade a possibilidade de se identificar com aquelas vertentes que melhor ressoam com suas próprias crenças e valores. Embora não haja uma convergência plena entre os conceitos defendidos por esses pensadores, é possível identificar certas áreas de compatibilidade. Questões como tradição, moralidade, ceticismo, ordem, valores, prudência e virtude emergem como temas centrais entre aqueles que fundamentam suas concepções sobre o pensamento conservador.

Infere-se que o conservadorismo pode ser mais adequadamente representado quando compreendido como uma proposta paradoxal-relacional. Este conceito, defendido ao longo deste artigo, visa reforçar a ideia de que não existe uma definição conceitual única e exequível para o conservadorismo, permitindo, assim, que o sujeito que se identifica como conservador assuma e se aproprie dos próprios temas que o definem. Nesse sentido, o indivíduo conservador não seria prisioneiro das tensões conceituais, uma vez que sua compreensão não se limita a uma representação fixa e totalizadora de seu pensamento.

REFERÊNCIAS

BURKE, E. **Reflections on the Revolution in France**. In: BURKE, E. **The Works of the Right Honorable Edmund Burke**. Boston: Little, Brown and Company, 1865. v. 3.

CANÇADO, M. **Manual de semântica**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008.

DUARTE, J. S. O que é o conservadorismo? do conceito à mensuração. **Revista Debates**, v. 17, n. 1, p. 110-138, 2023.

MOTA, A. E.; RODRIGUES, M. Legado do Congresso da Virada em tempos de conservadorismo reacionário. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 199-212, 2020.

KIRK, R. **A política da prudência**. Tradução de Gustavo Santos e Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações, 2013.

KIRK, R. **A Mentalidade Conservadora**: de Edmund Burke a T. S. Elliot. São Paulo: É Realizações, 2020.

KIRK, R. **Breve manual de conservadorismo**. São Paulo: Trinitas, 2021.

SCRUTON, R. **Como ser um conservador**. Editora Record, 2014.

SCRUTON, R. **Conservadorismo**: um convite à grande tradição. Editora Record, 2019.